



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11403 - Resumo Expandido - Trabalho - 4ª Reunião Científica da ANPEd Norte (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 07/GT 13 - Educação Infantil e Ensino Fundamental

**CONTRIBUIÇÕES PARA O ENFRENTAMENTO AO ANALFABETISMO FUNCIONAL:
ÉLIE BAJARD NA AMAZÔNIA**

Patrícia Berlini Alves Ferreira - UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

Marcia Machado de Lima - UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

**CONTRIBUIÇÕES PARA O ENFRENTAMENTO AO ANALFABETISMO
FUNCIONAL: ÉLIE BAJARD NA AMAZÔNIA**

Este trabalho trata de pesquisa em andamento sobre o ensino do ato de ler segundo a teoria de Élie Bajard. A intenção é compreender de modo mais aprofundado o fenômeno analfabetismo funcional e ampliar as condições para o enfrentamento de seus efeitos na escolarização, em contexto amazônico, do ponto de vista da prática pedagógica. Neste momento, rodas de conversa e oficinas com crianças do 5º ano de uma escola periférica de Vilhena/RO, oportunizam a intervenção com base no “Protocolo da Descoberta do Texto”, por sua vez, desenvolvido por Bajard nos anos 90 e discutido por ele em várias obras de referência. Dessa forma, o resultado da intervenção, juntamente com a revisão de literatura, permitirão investigar qual é o impacto do ensino do ato de ler no enfrentamento do analfabetismo funcional.

A pesquisa-intervenção vai produzir dados que subsidiem tanto a análise de como o ensino do ato de ler no Ensino Fundamental pode ser desenvolvido, como, além disso, a identificação e o registro dos sentidos construídos pelas crianças participantes em seus diálogos com o texto. Com base no banco de dados e diários de campo gerados, relataremos o que é possível identificar como materialidade do analfabetismo funcional e, em contraponto, o impacto da intervenção ou seja, do ensino do ato de ler bajardiano e suas contribuições na direção do enfrentamento de um dos fenômenos que compõem, na verdade, a desigualdade social. Dito de outro modo, o analfabetismo funcional na educação escolar do contexto amazônico ou não é atravessado pelos processos pedagógicos prescritivos, pela desigualdade social e exclusão. Estão, então, em torno de processos pedagógicos discursivos e dialógicos e inclusivos as condições de enfrentamento da desigualdade que o analfabetismo

funcional materializa?

Há pesquisas que indicam o início dos registros do fenômeno analfabetismo funcional na década de 30, naquela época referido à condição quase burocrática e instrumental de o agente utilizar a leitura e a escrita na vida diária, como também ao reconhecimento de que suas precárias condições de uso da leitura e da escrita se devem a poucos anos de escolaridade vivida (DEL CASTILLO, 2005). Quase um século depois, os critérios se mantêm. Do mesmo modo, o contraponto: o fenômeno alfabetismo funcional.

Este, um termo menos citado, vem compondo discussões de governos e órgãos multilaterais internacionais desde a década de 60 a fim de produzir, em posições mais ao centro ou mesmo bastante conservadoras, sempre inegavelmente coloniais, programas, acordos, saídas e estratégias de política pública que propiciassem que o agente tivesse acesso a ensino que o enquadrasse como cidadão – o verbo parece desproporcional, mas não é – ao obter o aprendizado de determinadas competências. Então, com analfabetismo funcional formam um duplo porque alfabetismo funcional não escapa dos limitantes contornos da desigualdade e da exclusão.

A revisão de literatura em andamento aponta para a natureza complexa, ambígua e polivalente do fenômeno. Antes de entrarmos nessa seara, destacamos que analfabetismo funcional funciona como um dos indicadores sociais. No Brasil, o Instituto Paulo Montenegro e o IBGE constituem o Índice Nacional de Analfabetismo Funcional – INAF com levantamentos produzidos a cada dois anos por amostragem. Em 2018 a publicação do último Índice Nacional de Analfabetismo Funcional. O INAF, a fim de mensurar os dados correspondentes ao número de adultos alfabetizados, apresenta uma metodologia em que “[...] são entrevistadas 2.002 pessoas entre 15 e 64 anos de idade, residentes em zonas urbanas e rurais de todas as regiões do país” (BRASIL, 2018, p.4). Dessa forma,

O estudo é organizado com base em um teste cognitivo e um questionário contextual. Os itens que compõem o teste de Alfabetismo envolvem a leitura e interpretação de textos do cotidiano (bilhetes, notícias, instruções, textos narrativos, gráficos, tabelas, mapas, anúncios, etc.). O questionário contextual aborda características sociodemográficas e práticas de leitura, escrita e cálculo que os sujeitos realizam em seu dia a dia. (BRASIL, 2018, p.4).

Assim, o conceito de analfabetismo funcional que o Instituto Paulo Montenegro implementa é o mais complexo porque os dados do INAF são subdivididos em cinco níveis: analfabeto, rudimentar, elementar, intermediário e proficiente, sendo funcionalmente alfabetizada, conforme os dados de 2018, somente 8% da população brasileira.

Ao conceituar analfabetismo e alfabetismo funcional, a literatura aponta nesta direção. O “termo analfabetismo é utilizado no português corrente para designar a condição daqueles que não sabem ler, nem escrever” (OLIVEIRA, 2006, p.25) enquanto o termo “alfabetismo” está voltado para a qualidade de quem é ou foi alfabetizado mas dentro de determinados limites utilitários que possibilitem ao agente agir no cotidiano com autonomia com base em

determinadas competências (DEL CASTILLO,2005).O analfabetismo funcional tem ganhas de ser estrutural mas não atinge esse objetivo exatamente porque, como seu duplo – alfabetismo funcional –, através de políticas compensatórias internacionais, é dirigido a grupos sociais desprivilegiados, como o são os imigrantes na França e os latinos (DEL CASTILLO,2005).

O que afeta a esta pesquisa-intervenção é que no Brasil o analfabetismo funcional parece sempre dedicado à população mais desprivilegiada economicamente. Contudo, em um país cujos níveis e manifestações da desigualdade social e da exclusão, o racismo e do preconceito e da miséria são alarmantes, em um país em que a fome não resiste a três anos de política pública negacionista, o analfabetismo funcional se espraia. Como parte um tanto relutante dos latinos, o Brasil tem no analfabetismo funcional, um problema estrutural. Na pesquisa-intervenção temos como objetivo, o que permite recortar o problema estrutural desde o chão da sala da aula da educação básica, lugar de atuação das autoras por tantos anos.

Nas metas do PNE, erradicar o analfabetismo absoluto e reduzir 50% dos analfabetos funcionais “[...]refere-se à incapacidade de ler e escrever, enquanto processo de decodificação e codificação do sistema de escrita” (FERRARO,2012,p.244). O analfabetismo funcional “[...]é a incapacidade de uma atuação eficaz do sujeito em sua comunidade, no que se refere aos usos da leitura, da escrita e da aritmética” (FERRARO,2012,p.244). De acordo com a pesquisa de Caldas (2018), porém, a qualidade da educação e do processo de ensino não são evidenciados no PNE para a redução do analfabetismo funcional.

Assim, a discussão de Caldas (2018)vai ao encontro da afirmação de Oliveira (2006, p.30) quando questiona se a educação brasileira não estaria sendo paliativa,[...]ao preocupar-se quase que exclusivamente com os 16 milhões de analfabetos absolutos, que jamais frequentaram a escola, enquanto continua formando analfabetos funcionais. (OLIVEIRA,2006,p.30).

Araújo (2018), ao investigar o que as produções acadêmicas têm revelado sobre o analfabetismo funcional no período de 2011 a 2016 e como essas pesquisas têm avaliado, nacionalmente, a eficácia dos métodos de alfabetização no Brasil, fez um levantamento no banco de teses e dissertações do periódico CAPES entre 2011 e 2016 a fim de apresentar os dados coletados como resultados de sua pesquisa.

[...] resultados encontrados foram recorrentes [...] a má formação inicial na alfabetização dos aluno [...] acarreta dificuldades durante todo o processo de escolarização. Esse percurso muitas vezes é desqualificado, uma vez que alguns alunos chegam ao final do Ensino Fundamental sem estarem alfabetizados [...] que conduz a situações que levam ao fracasso e ao abandono escolar (ARAÚJO, 2018, p.101).

Dessa forma, Araújo (2018) reforça que o problema do analfabetismo funcional ainda precisa de uma profunda reflexão sobre as ações escolares e que o surgimento de pesquisas com a realidade de cada escola são fundamentais para que avanços significativos ocorram na educação, para diminuir o fracasso e o abandono escolar.

Bajard (2016,p.1) afirma que “sucessivos planos de alfabetização lançados no Brasil nos últimos 25 anos não vêm reduzindo a taxa de analfabetismo funcional”. Analfabetos funcionais para Bajard (2021) são as pessoas que decodificam as sílabas na leitura, mas não compreendem o texto para usá-lo no dia a dia. O autor faz uma análise dos exames capitaneados pelos interesses da OCDE, a Prova Brasil e do PISA, que mostram dados relativos ao número de analfabetos funcionais no país comparado a outros países. Cerca de 24,84% dos alunos do 5º ano não atingem o terceiro dos nove níveis voltados para o domínio da escrita. Entretanto, olhar com olhos críticos para o teor dos exames, precisa ser reforçado pela escuta dos educadores.

além das avaliações formais, é importante levar em conta a opinião dos atores da escola e escutar a queixa constante emitida pelos professores sobre seus alunos: ‘sabem ler, mas não entendem’. Essa fórmula concisa corrobora os resultados mencionados acima e traduz a dupla injunção à qual os professores são submetidos: ensinar a pronunciar e levar a compreender (BAJARD, 2016, p. 206).

De acordo com o autor, “[...] os planos de alfabetização ensinam a pronunciar para compreender em lugar de compreender antes de pronunciar” (BAJARD,2021,p.237). Isso pode implicar na aprendizagem da criança quando esta chega ao final das séries iniciais uma vez que a compreensão deve vir antes da pronúncia.

Para Bajard (2014b), o fracasso da alfabetização leva ao aumento do número de analfabetos funcionais no Brasil, ampliado pelos métodos tradicionais de ensino quando ler é a decodificação das sílabas - e não a construção do sentido das palavras – o que, futuramente, pode refletir nos dados do INAF.

Em virtude das pesquisas apresentadas, é essencial que sejam levadas em consideração as formas de se ensinar o ato de ler na sala de aula. É fundamental que, antes de refletir sobre os números de analfabetos funcionais ou a redução deles, se pense em ações de leitura que não façam da escola uma produtora, portanto, de analfabetos funcionais. Ainda, é necessário considerar a desigualdade social e a exclusão como parte dos fatores que incidem no processo de aprendizado das crianças – de preferência de outro ponto de vista distinto da OCDE.

Quando Oliveira (2006) aborda a preocupação dos professores brasileiros com a leitura e a compreensão de texto, suas reflexões abordam no Brasil uma outra interface do fenômeno que tem quase um século. Oliveira discute, no início do século XXI, sobre o significado e a importância da formação de leitores no processo educacional brasileiro, sem deixar de lado “[...] a preocupação dos professores com os alunos que [leem], mas não compreendem o significado dos textos” (OLIVEIRA,2006,p.16). Se analfabetismo funcional não faz parte apenas dos processos formativos do cotidiano escolar brasileiro, parece salutar que a pesquisa educacional aborde-o no chão da escola, ou seja, perceba-o em uma teia de relações que envolve especificidades.

Abordagens prescritivas, tecnicistas e moralizantes, discurso de senso comum que

culpabiliza as famílias e as próprias crianças, além de denotada falta aprofundamento teórico e de um olhar mais complexo, estabelecem que há necessidade de abordar as metodologias de ensino da leitura e da escrita. Nesta direção, justifica-se a presença da abordagem de Elie Bajard na metodologia do trabalho de campo, por aproximar a discussão do fenômeno analfabetismo funcional do ensino-aprendizagem dentro de aprofundada e coerente base teórico-metodológica em Bakthin e Foucambert .

Bajard (2014a) faz algumas reflexões sobre a leitura silenciosa e a transmissão vocal do texto e aparece menção ao termo analfabetismo funcional. Para o autor, a falta de entendimento sobre as diferenças entre ler e dizer o texto implica no desenvolvimento da capacidade de compreensão da criança – o que pode contribuir com o aumento de adultos analfabetos funcionais. Bajard esclarece que a leitura não deve ser ensinada pela pronúncia das palavras, mas pelos olhos de leitor, por isso a terminologia: leitura silenciosa. Para este autor, pela relação entre a forma que a leitura é ensinada na sala de aula e a compreensão de texto, é fundamental acrescentar, ao campo da fundamentação teórica, estudos sobre o analfabetismo funcional.

Quando trata sobre a importância do ensino do ato de ler para o desenvolvimento da capacidade de compreensão de texto, Bajard (2021) aponta que pode contribuir para o enfrentamento do analfabetismo funcional. O autor, baseado nos estudos de Foucambert, defende o ensino do ato de ler na escola a partir da leitura silenciosa, composto do ato (ação/modo de ler) e do processo de construção de sentido, da materialidade das palavras.

Dessa forma, ao considerar que a expectativa do ato de ler “[...]é cessar de produzir analfabetos funcionais” (BAJARD,2014b,p.119), tem-se problematização que norteia toda a discussão dessa pesquisa: qual é o impacto do ensino do ato de ler no enfrentamento do analfabetismo funcional?

Bajard (2014a) apresenta a diferença entre a leitura e a transmissão vocal do texto: enquanto ler está para uma atividade silenciosa de construção de sentido, dizer está para a “[...]comunicação vocal de um texto” (BAJARD,2014a,p.79). Bajard (2014b) ressalta que transmitir o texto pela voz implica na construção de sentidos de leitor – já que, pela leitura silenciosa, o sujeito busca respostas para seus questionamentos. Nesse sentido, a diferenciação entre o conceito de ler e a transmissão vocal do texto é o primeiro passo para o ensino do ato de ler, pois, como aponta Bajard, “[...] a voz alta revelaria ao ouvinte o sentido do texto que os olhos do leitor(a) deveriam desvelar” (BAJARD,2021,p.81) – o que pode impactar a aprendizagem do ato de leitura e implicar no enfrentamento do analfabetismo funcional.

De acordo com Arena (2010,p.238), “[...] nem todos os alunos chegam à idade adulta com alta probabilidade de compreender um texto escrito, nas suas relações com o mundo de seu entorno sociocultural”. Essa afirmação remete ao que Bajard fala sobre o modo como o ato de ler deve ser ensinado da sala de aula desde a entrada da criança na escola, os métodos

de ensino.

Abreu e Arena (2021) apresentam a metodologia de ensino focalizando a estratégia ler para encontrar. O resultado da pesquisa, partindo de uma brincadeira na qual as crianças precisaram procurar algumas pistas (pequenos textos) para encontrar as próprias produções textuais, confirmou a hipótese de que a aprendizagem da leitura acontece quando a criança sente necessidade de ler ao longo das propostas criadas e oferecidas a ela pelo professor.

Tendo em vista que as teorias bakhtinianas “[...]concebem o uso da linguagem em movimento, especificando as minúcias que permeiam o dialógico processo de interação com o *outro*” (ABREU;ARENA,2021,p.788,grifo do autor), o ato de ler favorece o diálogo dos leitores entre si e com o texto por meio das práticas de leitura, como foi o caso da metodologia desenvolvida na pesquisa-intervenção de Abreu e Arena (2021) ao proporem que as crianças, em uma relação dialógica, resolvessem enigmas e, assim, descobrissem suas próprias produções escritas.

Bajard (2012), ao considerar a descoberta do texto como a procura da compreensão, ressalta a importância de o professor seguir um protocolo, como método para o ensino do ato de ler, a fim de registrar a materialidade das palavras que estão relacionadas a ele, considerando-se o emaranhado de palavras que povoam alegremente o discurso das crianças dizem após a leitura do texto. Cabe ressaltar que a relação entre a descoberta do texto e a compreensão está voltada para a ação de ler do sujeito o que não é toda a ação, pois quando a criança extrai os significados e descobre os sentidos, ela demonstra a capacidade de compreensão na materialidade das palavras.

O ato de ler é visto como um processo dialógico de interação entre o autor e o leitor, em que a palavra idealizada para determinado público, ao ser escrita, poderá se definir de uma determinada maneira, com uma determinada intencionalidade e, ao ser lida, poderá ganhar sentidos diferentes. Ao ler um texto, o leitor amplia, aumenta, diversifica, e transforma o seu *contexto* (ABREU;ARENA,2021,p.789,grifo do autor).

A materialização das palavras que interessam ao ensino do ato de ler depende da interação que a criança estabelece com o texto. Assim, há chances de, do interior do seu universo e da experiência pessoal, cada leitor na relação dialógica, formar um novo olhar; construir um novo sentido para a vida em sociedade.

A escola, vista como um espaço social e cultural de humanização, é o lugar privilegiado para a construção da cidadania e transformação do sujeito (PRATES et al,2019). Nesse sentido, sendo o ato de ler considerado uma ferramenta de formação básica, cabe à escola possibilitar meios para que o ato de leitura feito para o leitor construir conhecimentos complexos e indispensáveis ao seu contexto social. (PRATES et al,2019) o que remete ao que Bakhtin/Volóchinov (2017) descreve como a formação da consciência individual que, na interação com a consciência do outro, forma as atitudes e os valores do homem.

Palavras-chave: Protocolo da Descoberta do Texto. Ato de Ler. Educação Escolar.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Luciane Souza Lopes. **Analfabetismo funcional, alfabetização e letramento: ações da escola na produção de pesquisa entre 2011 e 2016.** Dissertação (Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2018. p.100-102.

ARENA, Dagoberto Buim. O ensino da ação de ler e suas contradições. **Ensino em Re-vista.** Uberlândia, v. 17, n.1, p.237-247, jan./jun.2010.

ARENA, Dagoberto Buim. Para ensinar a ler: Práticas e Tendências. In: MIGUEL, JC; REIS, M dos. **Formação docente: perspectivas teóricas e práticas pedagógicas.** São Paulo: Cultura Acadêmica, p. 135-151, 2015.

BAJARD, Élie. **A descoberta da língua escrita.** São Paulo: Cortez, 2012.

BAJARD, Élie. **Ler e dizer: compreensão e comunicação do texto escrito.** São Paulo: Cortez, 2014.

BAJARD, Élie. **Da escuta de textos à leitura.** São Paulo: Cortez, 2014.

BAJARD, Élie. O signo gráfico, chave da aprendizagem escrita. **Ensino em Re-Vista** v. 23, n. 1, jan./jun, 2016, p.201-225.

BAJARD, Élie. **Eles leem, mas não compreendem: onde está o equívoco?** São Paulo: Cortez, 2021.

BRASIL, Instituto Paulo Montenegro. INAF Brasil 2018 – Resultados preliminares. São Paulo, 2018. Disponível: https://acaoeducativa.org.br/wp-content/uploads/2018/08/Inaf2018_Relat%C3%B3rio-Resultados-Preliminares_v08Ago2018.pdf. Acesso em: 17 set. 2021.

CALDAS, Taciana Durão Leite. **Caminhos percorridos pela educação de jovens e adultos na rede municipal de ensino do Recife/PE, no combate ao analfabetismo funcional de 2013 a 2016.** Dissertação (Mestrado Profissional de Educação em Gestão Pública). Faculdade de Educação – Universidade Federal de Juiz de Fora, 2018. p.20-30.

DEL CASTILLO, Juan Jimenez. El Redefinición del Analfabetismo: el analfabetismo funcional. **Revista de Educación**, Ministério de Educación Cultura y Deporte. Espanha. n. 338 (2005), pp. 273-29

FERRARO, Alceu Ravello. História inacabada do analfabetismo no Brasil. Resenha. **Rev. bras. hist. educ**, Campinas-SP, v.12, n.1(28), p.243-250, jan./abr.2012.

OLIVEIRA, Dimas Lucena de. **Leitura e Cibercultura: navegando em oceanos pedagógicos ou por uma educação popular nunca de antes navegada.** Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual da Paraíba-UFPB, João Pessoa, 2006. p.16-25.

MOURA, A. F.; LIMA, M. G. A Reinvenção da Roda: Roda de Conversa, um instrumento metodológico possível. **Revista Temas em Educação**, [S. l.], v. 23, n.1, p.95–103, 2014.

PRATES, Claudia Aparecida et al. A Leitura na Perspectiva discente. **Navegações: revista de estudo e pesquisa em educação**, v.1, n.1, p.1-22, 2019.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Editora 34, 2017.